

**O ensino e a aprendizagem em contexto de pandemia: breve reflexão acerca do ensino remoto e seus desdobramentos na prática de ensino****Teaching and learning in a pandemic context: a brief reflection on remote teaching and its consequences in teaching practice**

Cláudia RODRIGUES\*

**RESUMO:** Embora os estudos referentes ao Letramento Digital atualmente se encontrem em estágio avançado de resultados de pesquisas, assim como o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) têm revolucionado o mundo, criando novas formas de interação entre pessoas, organizações e negócios, no campo educacional ainda se situa o debate sobre as TDICs como um instrumento de inclusão social capaz de proporcionar novas formas de aprendizagem. Isso posto, a proposta deste trabalho é contribuir com reflexões sobre o ensino e a aprendizagem escolar em contexto de pandemia, levando em conta as condições de produção do ensino remoto no ano de 2020. O texto traz alguns questionamentos ressurcidos no campo da Educação sobre o ensinar e o aprender quando as escolas se encontram fechadas e compulsoriamente professores têm como recurso o ensino remoto. Em função disso, questiona-se: as escolas estavam preparadas para a virtualidade? Como os professores têm lidado com as estratégias desafiadoras do ensino remoto? Quais serão os novos desafios que a escola irá passar considerando que a Educação nunca mais será a mesma após o período pandêmico?

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação de professores. Letramento digital. Pandemia. Ensino e aprendizagem. Tecnologias.

**ABSTRACT:** Although studies related to Digital Literacy are currently in an advanced stage of research results, as well as the use of Digital Information and Communication Technologies (TDIC) has revolutionized the world, creating new forms of interaction between people, organizations and businesses, in the educational field, the debate about DTICs as an instrument of social inclusion capable of providing new forms of learning. That said, the purpose of this work is to contribute with reflections on school teaching and learning in the context of a pandemic, taking into account the conditions of production of remote education in the year 2020. The text brings some questions raised in the field of Education about the teaching and learning when schools are closed and compulsorily teachers have remote teaching as a resource. As a result, the question arises: are schools prepared for virtuality? How have teachers dealt with challenging remote teaching strategies? What are the new challenges that the school will face considering that Education will never be the same after the pandemic period?

**KEYWORDS:** Teacher training. Digital literacy. Pandemic. Teaching and learning. Technology.

---

\* Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP de Araraquara. Professora do ensino médio e fundamental da rede pública e privada de ensino. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9727-9102> E-mail: [rodriguescr20@yahoo.com.br](mailto:rodriguescr20@yahoo.com.br)

## 1 Introdução

De tempos em tempos o assunto volta à tona: qual a utilidade e a funcionalidade da tecnologia para a Educação? Mesmo considerando esta uma pergunta retrógrada, quando sempre questionada, ela assume respostas diferenciadas em função de um novo contexto para o que a geração entende ou não por ‘tecnologia’. A discussão sobre o assunto prossegue década após década, envolve crenças, vícios e traz uma dicotomia entre os professores: de um lado, surgem os defensores de um ambiente rico em multimodalidades e plurimetodologias e são convencidos de que o ambiente virtual pode colaborar significativamente para avanço, manutenção e proposição de metodologias mais ativas, conhecidas como aquela em que o aluno é sujeito de sua própria aprendizagem e precisa manipular ferramentas e estratégias para alcançar sucesso na compreensão de fenômenos e conceitos em tempos de contemporaneidade. De outro lado – os que resistem aos tempos novos – há os que têm posicionamento contrário, pois acreditam que nenhuma tecnologia substitui a intervenção do docente e que há uma supervalorização de recursos em detrimento do papel do professor.

Considerando esses posicionamentos antagônicos e importantes, é preciso discernimento e percepção didática de como realmente funciona o contexto escolar. Em outras palavras, a escola é um ambiente híbrido que envolve demandas próprias da rotina que levam em consideração a realidade dos alunos, as condições socioculturais da comunidade, o interesse do aprendiz e o mais importante: a formação do professor. Tudo é levado em conta quando se entende que o ambiente escolar não funciona somente com professores entusiasmados, ou apenas alunos dispostos a aprender, ou somente recursos disponíveis. Um conjunto de fatores incide no contexto da sala de aula e nem sempre o que foi planejado acontece. Além disso, é preciso a compreensão de que a escola é viva. E seus sujeitos discursivos desenvolvem potencialidades sociais que são reflexos de intencionalidades privadas ou sociais. Entender este contexto requer tempo, paciência, sapiência, experiência e percepção do ambiente escolar. Sobretudo quando se trata do professor, é importante que ele sempre esteja disposto a refletir sobre os fenômenos que ocorrem em sala de aula na expectativa de entender o que este ambiente tão rico e plural – a escola – tem a dizer.

A formação do professor é construída no desenvolver de suas atividades diárias, com muito estudo, pesquisa e experiência. Suas percepções são moldadas e transfiguradas constantemente em sala de aula ao continuamente observar e analisar os interesses de seus alunos e se propor a ser instrumento de mediação entre aprendizagem e conhecimento. Talvez

este seja o motivo do questionamento sobre os usos da tecnologia para a educação sempre persistirem: mudam os contextos, mudam as ferramentas, o professor questiona a validade, produz conhecimento, aplica; logo, os recursos não são suficientes, começa novamente o ciclo de discussões pela busca por conhecimento, análise e prática de ensino.

Em tempos de contemporaneidade, o trabalho do professor é conduzir, provocar e quebrar mundos trancafiados em paradoxos e estereótipos. Por vezes, seu trabalho sofre interferências e influências de seus aprendizes que sinalizam a condução do caminho, atualizando assim os *status* da compreensão do seu trabalho docente. O envolvimento dos alunos com a proposta da aula traz resultados quase sempre inesperados que podem fazer o professor perceber oportunidades de trabalho e interação que talvez não tenham sido antes planejadas, pois quando se trata de metodologias ativas, os caminhos para a aprendizagem nem sempre são previsíveis como nos métodos tradicionais de ensino. Em sala de aula, embora com plano de aula nas mãos do professor, tudo é inédito quando a proposta é fazer com que os alunos interajam durante a aula com autonomia. Em função disso, o planejado nem sempre ocorre, ou ocorre em parte. Isto porque a proposta de um planejamento multidisciplinar, com frequência os percursos são alterados e o caminho sempre passa por surpresas.

Entretanto, durante a formação docente, nem sempre temos a paciência necessária para esperar por resultados que demandam tempo, estudo e observação. Os desejos nem sempre são alcançados com a rapidez de resultados que atendam às expectativas de professores e aprendizes. Sobretudo, ainda há o equívoco em acreditar somente no acerto e apenas esperar por ele. Mas o tempo – sensível às mudanças – é sábio e exigente. Um atleta de ponta sabe bem o que é o tempo. O excepcional desempenho de um esportista talvez o tenha levado a décadas de treino. Se indagado a um atleta de elite o que é o tempo, ele nos surpreenderá com a resposta. É possível imaginar quanto tempo diário de treino levou um atleta a sempre acertar os chutes no gol. Mas estas percepções ganham importância e visibilidade fora dos bastidores, nem sempre ao se enxergar o resultado é considerado o processo. O sucesso de um atleta no esporte parte de um contexto não diferente da escola. Nos bastidores da escola acontecem paradas, rupturas e mudanças de percursos frequentes, resultado de frequentes avaliações e estudos que se originaram de profundas reflexões oriundas de dúvidas, questionamentos, necessidades de mudanças, constantes erros, falhas importantes que iluminam os acertos. Em

outras palavras, o sucesso de um trabalho pedagógico docente não tem seu fim em resultado, parte de todo um processo complexo de observação, análise e estudo.

São as considerações de falhas didáticas que constroem uma nova perspectiva para o ensino. O alinhamento entre o ensinar e aprender partem da análise e reflexão de erros. E isso faz parte dos bastidores da escola. Para melhor *performarce*, seja de um atleta ou dos envolvidos diretamente em uma sala de aula, é preciso o reconhecimento da importância dos insucessos para desenvolver melhores desempenhos. Assim é a formação e a prática de um professor: construída a partir de falhas que apontam para novos caminhos, e o processo é contínuo. O ensino remoto – em função do contexto de pandemia – embora não recente no Brasil, é um contexto ainda novo para as escolas de ensino fundamental e médio da educação básica brasileira. Em contexto de pandemia, a solução para a continuidade dos trabalhos educacionais foi a apropriação do ensino remoto para o ensino e a aprendizagem. Este novo cenário para a Educação revelou erros metodológicos, convicções equivocadas e percepções de erros que geraram mudanças, reflexões sobre a forma de ensinar e aprender, compreensão de que o caminho nem sempre é o planejado, oportunidade de rever métodos e abordagens de ensino, e não o menos importante: a importância da presença – em sentido conotativo e denotativo – do professor na sociedade.

O contexto de pandemia trouxe mudanças compulsórias para as escolas. Embora a percepção dessa necessidade e das mudanças que envolvem os usos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) como ferramentas de ensino e aprendizagem já vinham sendo discutidas em pesquisas de *stricto* e *lato sensu* nas universidades do país, na prática de ensino, tais concepções ainda caminham a passos lentos e – desta forma – dá a entender que a escola de ensino básico “foi pega de surpresa”<sup>1</sup> quando como alternativa no cenário pandêmico iniciado em março de 2020 era apenas o ensino remoto.

A pandemia mundial ocasionada pelo novo coronavírus, SARS-CoV2 Covid 19, fez mudar o ensino e o papel do professor que precisou se reinventar e acumular funções. Uma das mudanças para o professor foi mudar o quadro-giz e sua presença por recursos agora digitais. A aula expositiva – já não tão funcional no ensino presencial, entretanto resistente –

---

<sup>1</sup> A percepção parte de reflexões de diário de bordo dos contextos escolares dos quais atuo. Ministro aula em três setores sendo o municipal, o estadual e o privado. Não desenvolvi estudo quantitativo a respeito dos usos de tecnologias digitais por professores como estratégia de ensino. Essa asserção surge de percepções tácitas de minha prática de ensino e da realidade das escolas em que atuo.

não teve menor chance de sucesso no ambiente virtual. Em contexto de sala de aula, no ensino fundamental e médio, o uso de recursos tecnológicos também não é novidade, embora, haja práticas de ensino - muitas vezes discretas - que envolvem os ambientes e ferramentas digitais. Em meio às constatações sobre o uso dos recursos tecnológicos para a educação, o erro mais comum que se percebe é a transferência de métodos tradicionais do ensino para o ambiente virtual. Sobre isso, alguns autores como Braga (2007), Xavier (2009), Marcuschi e Xavier (2004), Araújo (2007), Rojo e Moura (2019) afirmam que essa prática não determina inclusão digital em contexto escolar e não poderia ser denominada como recurso para o ensino e aprendizagem, mas sim apenas mudança de suporte, o que contribui pouco tendo em vista de forma quanti e qualitativa o vasto número de plataformas digitais que podem oferecer, além do suporte, recursos, ferramentas, interatividade, e uma infinidade de condições didáticas e metodologias ativas para a prática do ensino e da aprendizagem.

De todo modo, em meio aos equívocos de abordagens de trabalho realizados pelo professor durante o ensino remoto, surgem também reflexões sobre o que se entende pela forma de ensinar e aprender. É momento de repensar o uso dos novos recursos tecnológicos – não tão novos assim – utilizados durante o ensino remoto em 2020 para avaliar os ganhos e as perdas para o ensino e aprendizagem<sup>2</sup>. É o momento propício para desenvolver pesquisas, análises e avaliações de forma empírica sobre os usos de ambientes e ferramentas digitais em contexto de pandemia. O que se aposta é que findado o período pandêmico a escola nunca mais seja a mesma. Assim, a pandemia será o divisor de águas para a educação: a educação antes e após a pandemia irá destoar, resultado da experiência do uso compulsório da internet<sup>3</sup> e das ferramentas digitais para o ensino e a aprendizagem.

Embora os estudos referentes ao Letramento Digital já sinalizem avanço em resultados de trabalhos, o contexto pandêmico revelou despreparo, necessidade de formação docente e engajamento em mudanças por parte dos professores. Da mesma forma, também revelou ausência de investimentos em ferramentas e ambientes digitais por parte de políticas

---

<sup>2</sup> Esta proposta de trabalho é o foco da minha pesquisa no Doutorado na instituição UNESP de Araraquara cujo ingresso ocorreu no presente ano.

<sup>3</sup> Considera-se compulsório já que com o isolamento social durante a pandemia não foi possível outras alternativas que pudessem dar prosseguimento às aulas escolares. Anteriormente, o que se constatava era que o professor inserido em formação contínua, ou atento às novas ferramentas digitais para o ensino, ou envolvido com metodologias ativas, conduzia suas aulas - seja com naturalidade ou esforço – com recursos não tradicionais de trabalho para a sala de aula (como as ferramentas digitais). O isolamento social – ocasionado pelo contexto pandêmico – limitou a interação entre professores e alunos, sendo oportuno o uso de ambientes e ferramentas digitais.

públicas. Sobretudo, em tempo recorde, o ensino remoto teve como bastidores cursos de formação emergencial e o uso de plataformas de compartilhamento como o Google Sala de Aula<sup>4</sup> foram utilizadas exaustivamente. Entretanto, os problemas pedagógicos não se reduzem a política de financiamentos e formação docente, problemas sociais também invadem a sala de aula, agora em formato digital: a internet ainda não é para todo mundo.

Em contexto de pandemia, entre tantas as dificuldades encontradas pelo professor em ter acesso ao aluno e conseguir motivá-lo, a mais latente é o fato de os alunos das camadas mais periféricas da sociedade não terem acessos a dispositivos ou a redes *wi-fi* e aqueles que mesmo com acesso não se adaptaram ao novo contexto digital. Para a Educação, o contexto pandêmico provocou momento de reflexão, estudo e debate para o meio acadêmico, pois revelou fragilidades na manipulação de ferramentas digitais por parte dos professores, não compreensão da funcionalidade do ensino e aprendizagem remota por parte dos alunos e ausência de investimento em Educação, por parte das autoridades de Estado.

## **2 Breve relato de experiência: o desafio do ensino remoto são recursos, acessos e letramento**

A sala de aula é um contexto em que o professor ingressa diariamente, e todo dia é um dia novo. Embora tenha uma rotina planejada e contínua, é dinâmica, viva e exige constantes e inesperadas tomadas de atitude por parte do professor. Quanto ao seu trabalho, a segurança é construída a cada decisão, é preciso olhar o que às vezes os olhos não podem alcançar. O espaço físico de uma sala de aula, embora construída há décadas por métodos tradicionais de ensino, sempre abriu espaço para discussões que envolvem o letramento e por outrora o letramento digital do professor.

O termo letramento, para Soares (2002), é defendido como a apropriação dos eventos e fenômenos dos usos da palavra manifestada de inúmeras formas e que se pluraliza para dar conta de diferentes espaços, mecanismos de produção, reprodução e difusão da linguagem. Para Buzato (2006, p.4)

letramento, ou mais precisamente os letramentos, são práticas sociais e culturais que têm sentidos específicos e finalidades específicas dentro de um grupo social, ajudam a manter a coesão e a identidade do grupo, e são aprendidas em eventos coletivos de uso da leitura e escrita, e por isso são diferentes em diferentes contextos sócio-culturais.

---

<sup>4</sup> Plataforma do Google que permite que alunos e professores tenham aulas virtuais.

O letramento digital é uma das pluralidade do letramento, exige domínio e apropriação de novas tecnologias que são constantemente criadas para suprir as necessidades sociais de comunicação e interatividade, entre outros fins. Na Educação, o termo ‘letramento digital’ faz referência ao professor que, se nascido antes da década de 80 do século passado, busca por entender as novidades metodológicas digitais que possam levar para sua prática docente; enquanto professores mais jovens têm maior facilidade em manipulação dos espaços multimidáticos em função de possivelmente serem nativos digitais.

As exigências do letramento digital partem desde o domínio de um *mouse*, *teclado*, ligar e desligar aparelhos como também manipular *sites* de busca, conhecimento de dispositivos digitais, compreensão da hipertextualidade, domínio de ferramentas disponíveis na *web*, reconhecimento de uma linguagem específica com o meio virtual, compreensão dos espaços multimidiáticos. Em outras palavras, e estendendo o seu contexto para o âmbito social, o letramento digital envolve a capacidade de manipular ações digitais como parte de situações da vida. Tanto em contexto educacional quanto social, tal letramento envolve aquisição de informação, conhecimento técnico, atitude do indivíduo, acesso a equipamentos e recursos digitais.

Cada vez mais, no contexto escolar, os recursos tecnológicos têm sido necessários, seja por questões sociais<sup>5</sup> ou pela necessidade de compreensão de que a tecnologia corrobora para o ensino e a aprendizagem. No contexto pandêmico, os usos e as habilidades de manipulação dos ambientes virtuais de aprendizagem se tornaram imprescindíveis para o ensino remoto. Obteve melhor rendimento em seus trabalhos o professor habilitado em recursos digitais, desde que o aluno também tivesse acesso a dispositivos e recursos. Neste aspecto, durante o ano de 2020, ora a escola esbarrou em dificuldades como a ausência de formação docente; ora em outra dificuldade como a ausência de recursos por parte do aluno. Essas duas dificuldades também cabe dizer que trocaram de posições: a falta de recursos se deu tanto por parte dos professores quanto dos alunos, assim como a falta de seu respectivo

---

<sup>5</sup> Entende-se por questões sociais, a necessidade do cidadão em apropriar-se no seu dia a dia de dispositivos que facilitem a sua vida, ou seja, que lhe ofereça melhor mobilidade e qualidade de vida no cotidiano como, por exemplo, o uso de cartão de débito/crédito para compras (recentemente com a possibilidade de ser substituído pelo Pix). Hoje os recursos tecnológicos são uma parte indispensável de negócios ou famílias. Tecnologia tornou-se um aliado para a realização de muitas tarefas, e ao longo da história da humanidade permitiu ao homem progresso, sobrevivência e evolução da espécie.

acesso. Da mesma forma, a informação sobre recursos e plataformas de aprendizagem também oscilou entre professores e alunos. Ou seja, dominar/acessar/conhecer o ambiente virtual e suas possibilidades de trabalho não foi uma preocupação exclusiva de professores; a ausência de letramento digital também é frequente por parte dos estudantes, muito embora sejam eles nativos digitais. O que se percebe – na prática escolar – é que as dificuldades do ensino remoto envolvem relações entre acesso, recurso e letramento aliados a uma forte tradição cultural do que se entende por modos de ensinar e aprender.

Quanto à relação acesso/recurso/letramento, a grande extensão territorial do Brasil nos permite encontrar partes sociais elitizadas e margens periféricas em que o acesso a dispositivos, investimentos em recursos hipermediáticos e multimodais e informação ainda não é para todos. A considerável heterogeneidade social reflete também em contextos escolares. O domínio de conhecimento e dispositivos digitais ainda não é uma realidade sólida no ensino básico. Entre algumas possibilidades de justificativas, dentro do contexto da profissão docente, ainda há resistência por parte dos professores quanto ao uso da tecnologia, seja por questões culturais, financeiras ou das crenças geradas durante o percurso de formação. Do outro lado, no processo da aprendizagem, também há a identificação de problemas quanto ao uso da tecnologia que, de maneira geral, são reduzidas à ausência de recursos e de acesso à tecnologia digital por considerável parte dos estudantes de escola pública do Brasil, mas sobretudo do conceito equivocado de que a finalidade da Internet é reduzida ao entretenimento e ao desprezo dos recursos e dispositivos quando o ambiente virtual é destinado para o desempenho escolar. Estes dois fatores apontam para o desafio do ensino remoto. Ainda assim, de todo modo, o ensino remoto durante o ano de 2020 aconteceu. Cabe o questionamento: de que forma qualitativamente e quantitativamente ocorreu?

A pesquisa Tic Educação 2019<sup>6</sup> teve como objetivo investigar o número de acesso e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) em escolas públicas e privadas brasileiras de Ensino Fundamental e Médio. Os dados da última pesquisa publicados em janeiro de 2020 concluíram que 39% dos estudantes das escolas públicas não tinham nenhum tipo de acesso à tecnologia<sup>7</sup>. Entre outros problemas que o ensino remoto no mesmo ano deparou, paradoxalmente talvez seja o mais complexo e ao mesmo tempo de simples

---

<sup>6</sup> Realizada desde 2010, a pesquisa Tic Educação 2019 tem como objetivo entrevistar a comunidade escolar (alunos, professores, coordenadores pedagógicos e diretores) para mapear o acesso, o uso e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) em escolas públicas e privadas da educação básica.

<sup>7</sup> Fonte: <https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/analises>. Acesso em 05/01/2021.



resolução: o acesso à Internet e aos dispositivos eletrônicos. As práticas de políticas públicas deveriam compreender que o estudante tem a necessidade de investimento em recursos eletrônicos – como o tablet – assim como é entendido o financiamento público do livro didático. Apesar de todo o suporte oferecido pelo Estado de Minas Gerais e Município com a elaboração de Pets<sup>8</sup>, elaboração de vídeoaulas e plataformas de ensino, no ano de 2020, ainda existe enorme diversidade de realidade social que, por si só, é um grande desafio mesmo em períodos não emergenciais. A pandemia trouxe um contexto desafiador expondo à sociedade os problemas que já vivenciava há tempos: a falta de recursos e acessos, sobretudo forte presença nas camadas sociais mais periféricas.

Embora o ensino remoto seja uma realidade brasileira há quase duas décadas, muitos ambientes escolares ainda não haviam agregado em suas práticas o seu uso, em especial nos anos do Ensino Fundamental e Médio da Educação Básica. Entretanto, desde março do último ano (2020), os estudantes deixaram de frequentar atividades presenciais nas escolas brasileiras de ensino básico em virtude da crise sanitária mundial, ocasionada pelo novo Coronavírus, conhecido como SARS-CoV2, que causa a doença Covid-19. Desta forma, o contexto de pandemia mundial fez com que o ensino remoto fosse uma opção imediata para que a escola tivesse acesso ao aluno e prosseguisse com seu trabalho. Embora já cristalizadas as ferramentas e os ambientes virtuais de aprendizagem, o seu uso que outrora era mais restrito, passou a ser a alternativa para que o ensino e a aprendizagem voltassem a se encontrar em modalidade de isolamento social.

Assim, um novo cenário e um novo contexto passaram a ser construídos em meio a cursos de formação rápida, comunicação síncrona e assíncrona de grupos de professores e gestores e buscas constantes por alunos. Para andamento do ensino em modalidade remota, a sala de aula assumiu outro suporte por meio de grupos de redes sociais e WhatsApp. Houve busca e estudo por plataformas funcionais para que o estudante tivesse acesso por meios digitais aos materiais, formulários, avaliações, conteúdos. E com todo este investimento dedicado em tempo, pesquisa por ambientes virtuais de aprendizagem, estudo para entendimento e reconhecimento das plataformas digitais, os professores ainda deparam com outro problema: a dificuldade de acesso aos ambientes virtuais tendo em vista a ausência de

---

<sup>8</sup> O Plano de Estudo Tutorado (PET) é uma das ferramentas do Regime de Estudo não Presencial, desenvolvido pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e pela Secretaria Municipal de Educação. O PET tem sido ofertado aos alunos da rede pública (estadual e municipal) como alternativa para a continuidade no processo de ensino e aprendizagem neste período em que as aulas estiverem suspensas por tempo indeterminado como medida de prevenção da disseminação da Covid-19 em Minas Gerais.

recursos financeiros por parte da comunidade, bem como o fato de ainda muitos estudantes não terem acesso à Internet.

A pesquisa do Ipea<sup>9</sup> desenvolvida no ano de 2020<sup>10</sup> aponta que seis milhões de estudantes ainda não têm acesso à Internet em casa, e os estados em que a carência é maior são: Bahia, Pará, Maranhão, Ceará, São Paulo e Minas Gerais. Anteriormente, no ano de 2018, outra pesquisa do Ipea apontou que 96,6% dos alunos sem acesso à internet no Brasil são da rede pública de ensino<sup>11</sup>. De forma mais específica no ano de 2019, a pesquisa faz uma comparação entre as classes sociais e econômicas<sup>12</sup>:

Enquanto mais de 90% das pessoas nas classes A e B são usuárias de internet, nas classes D e E apenas 42% estão conectados. Há diferença também entre áreas urbanas e rurais, por exemplo. Mais de 70% dos moradores das cidades fazem uso da internet, contra 44% nas áreas rurais. (IPEA, 2019)

Propostas, plataformas e recursos para o desenvolvimento do ensino remoto do ano de 2020 estavam presentes. Todavia, nem toda comunidade escolar estava munida de informações sobre os recursos. Da mesma forma, outras realidades também apontaram a dificuldade em ter acesso aos recursos e dispositivos eletrônicos e ferramentas de acesso, entre a principal o *Wi-fi*. Para quem está na prática escolar, possivelmente, também tenha percebido que a escola com mecanismos e possibilidades de desenvolvimento do ensino remoto pelo uso das plataformas e ambiente virtual e professores envolvidos com o letramento digital, ainda assim se depara com uma comunidade por vezes carente de tais recursos. Quando não é o desafio da falta de informação sobre os dispositivos e plataformas de ensino e aprendizagem por parte da escola, é a dificuldade da comunidade escolar em acessar os dispositivos digitais, entre os principais o acesso à Internet.

Em outras situações, foi possível perceber que o ensino remoto, embora novidade para alguns alunos, não lhes apresentou dificuldade de manipulação. O irônico, na verdade, foi perceber que os professores buscaram nos alunos informações para manipular os recursos dos

---

<sup>9</sup> O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (**Ipea**) é uma instituição pública federal vinculada ao Ministério da Economia. Suas atividades de pesquisa fornecem suporte técnico e institucional às ações governamentais para a formulação e reformulação de políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros.

<sup>10</sup> Dados disponíveis em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/educacao/audio/2020-09/seis-milhoes-de-estudantes-nao-tem-acesso-internet-em-casa>. Acesso 06/01/2021.

<sup>11</sup> Matéria disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/educacao-br/ipea-966-dos-alunos-sem-acesso-a-internet-no-brasil-sao-da-rede-publica>. Acesso em 20/03/2020.

<sup>12</sup> Pesquisa completa disponível em [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34796](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34796). Acesso em 17/02/2021.

ambientes virtuais. Os papéis de mestre e educando por vezes se inverteu: o professor munido de conhecimento acadêmico teve ajuda do aluno munido de conhecimento tecnológico<sup>13</sup>. São relatos de situações diversas que ocorreram durante o ensino remoto no período de 2020 que revelam a cumplicidade entre professores e alunos que buscaram - considerando suas condições de produção – na extensão do ensino remoto a continuidade do que já faziam em ensino presencial: partilhar conhecimentos, comungar espaços e buscar por informação.

Embora todo um sistema de preparação e envolvimento com o novo contexto tenha sido gerado no ensino remoto, foi possível perceber a valorização do professor por parte dos alunos e a necessidade dos alunos por parte dos professores. O ensino remoto revelou as dificuldades em letramento digital, ausência de recursos e dificuldades de acesso. Em resumo, falhas importantes e significativas que irão provocar novas mudanças e quebras de paradigmas sobre o que entendemos sobre a escola que – após este contexto - nunca mais será a mesma.

### **3 Tempos de pandemia: a reinvenção do professor**

Recursos e ferramentas digitais sempre existiram e fazem parte do cenário de trabalho de um professor. Para Basílio (2014), Paulo Freire utilizou como tecnologia para ensinar o carvão, e hoje estão disponíveis as tecnologias digitais e o ambientes virtuais. Atualmente, os recursos tecnológicos agregam valores que otimizam o trabalho docente, e a escolha de um recurso em detrimento do outro irá depender da intencionalidade do professor a partir da realidade da sala de aula. Por sua vez, se recursos e ferramentas existem há bom tempo no contexto escolar, então qual seria a resistência aos novos recursos, como as novas tecnologias? Qual a razão de se resistir às ferramentas digitais utilizadas de forma híbrida em relação aos recursos tradicionais?

Entre as possibilidades de respostas, existe o questionamento de que os recursos tecnológicos são uma ameaça pela possibilidade de substituir a tarefa que o professor desempenha. Entretanto, apoiar-se nesta concepção é, de certa forma, revelar falta de habilidade e desconhecimento em relação ao cenário atual sala de aula e aos recursos

---

<sup>13</sup> Relatos como estes estão registrados nas aulas gravadas na instituição particular cujo trabalho desenvolvi no ano de 2020 como professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio, no Colégio Marista Champagnat de Uberlândia. As aulas gravadas têm acesso restrito aos professores e alunos na plataforma própria. É possível solicitar as gravações, mediante solicitação direta à direção escolar. A escola, desde o início do isolamento social utilizou as plataformas do Google Meet para prosseguir com as aulas em modalidade de ensino remoto, entre outros aplicativos e ferramentas digitais utilizadas pelo corpo docente.

disponíveis para o ensino e a aprendizagem que permitem tanto a professores quanto a alunos a uma vasta possibilidade na maneira de ensinar e aprender de forma dinâmica. O uso de recursos, ferramentas e tecnologias digitais objetivam agregar no contexto escolar metodologias ativas de aprendizagem que podem contribuir assim como qualquer recurso tradicional outrora tenha sido eficaz a esse processo.

As tecnologias voltadas para o ensino e a aprendizagem escolar podem contribuir como aliadas do professor e favorecer a democratização do acesso à informação aos estudantes, assim como outros dispositivos tradicionais: o livro didático, o giz, o quadro. Em outros momentos no percurso da história da Educação, o professor foi considerado o único detentor do saber em sala de aula, e o aluno ficava à mercê de suas escolhas. Em dias atuais, essa concepção - com ou sem tecnologia - é ultrapassada tendo em vista que não é mais o professor que controla os caminhos que os estudantes devem trilhar para aquisição de aprendizagem. Estudos sobre as gerações, entre eles os autores conhecidos em relação a esse assunto, Straus e Wowe (1991)<sup>14</sup>, definiram as gerações por comportamentos e interesses sociais. A geração Z, de acordo com os autores, possui uma compreensão tecnológica apurada. Quem nasceu após os anos 2000 não teve que adaptar aos avanços tecnológicos, uma vez que são denominados nativos digitais. Em outras palavras, as inovações fizeram parte da evolução natural. Parte da realidade dessa geração são os aplicativos, a comunicação por vídeo e a conectividade com o mundo todo. Esses aspectos fizeram dessa geração adaptáveis a diferentes ambientes digitais.

Depois das gerações Z e Y, estudos mais recentes apontam para uma nova geração – denominada Alpha – que hoje determinam as regras do consumo do futuro. Com novas exigências, as marcas passam a ter obrigações de se reinventarem constantemente para acompanhar esta imparável mutação de hábitos e preferências. Para Alvarez (2017) os

Nascidos após 2010, os indivíduos da geração Alpha destacam-se pela relação intrínseca com a tecnologia. Estimulados por todo o tipo de dispositivos *smart* desde que nascem, estas crianças são capazes de interagir com *tablets* e *smartphones* ainda antes de saberem andar — ninguém os ensina, é simplesmente intuitivo. Não encaram dispositivos tecnológicos como ferramentas, integrando-os sim na sua vida de forma tão natural que já nem sequer pode ser considerada como uma extensão dos próprios — como constatamos com a geração Z —, mas sim como parte de si.

---

<sup>14</sup> A Teoria das Gerações, popularmente conhecida a partir do trabalho de Straus e Howe (1991), fundamenta-se na ideia de que os indivíduos apresentam comportamentos similares em função do período em que nasceram.

Perante a acelerada evolução tecnológica no mercado e as constantes mudanças de comportamento de gerações que trocam de turno cada vez mais rápido, o mercado tem a obrigação de se reinventar continuamente, tal como os indivíduos, que se deparam com esta imparável mutação de hábitos e preferências sociais que formam uma cultura. E o professor, não fica fora desse movimento.

Entretanto, a escola parece ser o único setor ainda a discutir sobre tecnologia como recurso de desenvolvimento, e encontra-se ainda longe de uma prática alicerçada na compreensão de que a nova geração é tendencialmente mais seletiva. Este atraso reflete nos contextos de aprendizagem, reduzido as aulas centradas ainda em exposições orais do professor e em metodologias tradicionais de ensino<sup>15</sup>. Por outro lado, a geração atual está envolvida cada vez mais ao acesso de informações e dados, e esta tendência o aprendiz leva para a escola. Sendo incompatível as tendências educacionais com os propósitos de mercado e comportamento de uma geração desafiadora, ocorre o distanciamento do indivíduo com a escola, o que gera rejeição do corpo discente com práticas tradicionais de ensino. Para fins sociais, como o entretenimento, o uso de dispositivos digitais se tornou algo comum, porém quando dispositivos eletrônicos são utilizados para fins educacionais, percebe-se que o uso da tecnologia ainda caminha a passos estreitos<sup>16</sup>.

O contexto de pandemia, iniciado no ano de 2020 até o presente momento, revelou as dificuldades de trabalho com tecnologias mesmo embora o uso de plataformas de ensino à distância e remoto já estejam consolidadas nos últimos 20 anos no Brasil (VALENTE, 2014). A escola, digo, de forma especial a prática docente, não tem acompanhado o avanço em estudos e pesquisas a respeito do letramento digital e das novas tecnologias, e isto foi revelado no contexto de pandemia em que o professor foi surpreendido pela forma compulsória de trabalho com uso de recursos tecnológicos em modo de ensino remoto. Não houve opção, a necessidade de atendimento ao aluno e prosseguimento das aulas tinha como

---

<sup>15</sup> Longe de tecer críticas ao ensino tradicional, a proposta é entender a multiplicidade de ferramentas digitais e não digitais que possam agregar sentido à aprendizagem escolar. Considero tanto uma aula expositiva quanto uma aula inovadora perpleta de recursos diferenciados e digitalmente elaborados como válidas, desde que o professor estabeleça a condução do processo de ensinar e aprender com propósitos definidos.

<sup>16</sup> Quanto as minhas críticas sobre a lentidão da escola em relação ao uso de recursos tecnológicos, essas partem do meu diário de bordo, observações tácitas que construo durante minha prática de sala de aula nos últimos 21 anos. Não desenvolvi nenhuma pesquisa que finalize em uma estatística quantitativa sobre o uso de tecnologias no ensino e na aprendizagem, apenas são observações do meu cotidiano na prática de ensino e na realidade dos contextos escolares em que atuo. Logo, as críticas também envolvem a minha própria prática docente.

única alternativa este caminho. Em função disso, o professor se percebe na necessidade de buscar por formação para reconfigurar o seu sistema, em termos metafóricos fazer um *upgrade* em sua formação para prosseguir os seus propósitos de ensinar de forma autêntica e motivadora. A pandemia também revelou as angústias e conflitos dos professores em relação ao uso produtivo das novas tecnologias para o ensino, o que reverberou em cursos de formação e busca para compreender o novo contexto que a pandemia oferecera: o ensino remoto já estabelecido há vinte anos no Brasil passou a ser a única opção de interlocução entre alunos e professores. Estando preparado ou não, o ensino remoto no ambiente não tão conhecido – ensino fundamental e médio – seria iniciado. O que deve-se levar em conta são as perspectivas de estudos sobre Letramento, Letramento Digital, Formação de professores, Metodologias ativas para o ensino e aprendizagem considerando as perdas e os ganhos para o ensinar e aprender<sup>17</sup>.

Concorrer com a tecnologia, para quem atua no ensino médio, não é algo que cause estranhamento. É muito comum o docente que atua no ensino médio, por exemplo, deparar-se com situações em que o seu aluno confere as respostas no Google, respostas muitas vezes dadas previamente pelo professor. Sobretudo, não é passível julgar este comportamento do aluno, tendo em vista que se deve considerar toda forma de aprender válida, e se o aluno tem que conferir no Google o que o professor diz, isto pode revelar hipóteses diversas que fogem das questões sobre letramento digital, entre elas a desconfiança que tem do ensino, a necessidade de buscar por pesquisa do assunto por outras vozes, a insegurança do aluno (que nem sempre está na figura do professor, mas em si mesmo), não entender ou acompanhar o que diz o professor, entre outros fatores. Devemos considerar o Google como uma estratégia interessante, útil e prática de pesquisa e acesso, porém imperfeita por desconsiderar contextos, condições de produção como conhecimento de mundo e prévio, e não possuir a sensibilidade interpretativa de poder de mediar os conhecimentos, o que na verdade é a habilidade de um professor. Em função desta sensível imperfeição, não é lúcido acreditar que as tecnologias podem substituir a mediação de um professor no processo de aprendizagem. O uso de tecnologias constrói metodologias ativas em que o alunos passam a ter maior responsabilidade sobre sua aprendizagem. Assim não será mais apenas ouvinte de aulas e passará a ser ativo

---

<sup>17</sup> Estudo que venho desenvolvendo no curso de Doutorado na UNESP, iniciado neste ano. O foco da pesquisa parte de inquietações e observações de diário de bordo durante minhas aulas no ensino remoto, das quais aponto falhas, acertos e perspectivas quanto aos recursos digitais e tecnológicos durante o ensino remoto do ano de 2020.

em sua formação. A aprendizagem passa a fazer mais sentido se é permitido ao estudante exercer notável presença no processo de aprender e não apenas agir como coadjuvante. Quanto ao professor, metodologias ativas e letramento digital fazem dele mediador do conhecimento e não a única fonte de informação do aluno. Indispensável a sua presença, experiência e olhar em um momento que permite ao aprendiz reconhecer e valorizar a intervenção do professor, pois sua intermediação em um momento em que haverá infinitas vozes e posicionamentos – localizados em aplicativos, plataformas na vasta disposição de conteúdos da *web* - fará total diferença.

Entretanto, não é tão simples e fácil. Barreiras e problemas no mundo digital existem assim como no ensino e aprendizagem, e possivelmente sejam os mesmos. Não seria a tecnologia a razão dos problemas de um professor, visto que se ela falha, estará lá o professor com um plano B, vivo, à espera de entrar em cena. É ele, o professor, que sempre estará na liderança, não a máquina. O professor tem habilidades que uma tecnologia não possui, entre elas, o plano B, C, D e quantas letras do alfabeto forem necessárias. Deve-se entender também a dependência da tecnologia ao professor, e não o contrário, pois esta só se faz presente quando o professor permite, já que é ele quem determina qual aparato midiático entra em cena e quando deve sair, que recurso será utilizado ou não utilizado, bem como se é necessário suporte tecnológico naquele momento ou se a sua tradicional mediação seria mais eficaz. Portanto, tecnologias não determinam o que o professor deva fazer, mas sim ele que tem a habilidade em enxergar dentro do ambiente virtual o que é útil para o seu contexto de ensino e apropriado à aprendizagem de seus alunos. Entender desta maneira requer a capacidade do professor em autoavaliar sua docência a partir da pesquisa-ação, conforme aponta Kemmis e Mc Taggart:

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa... (KEMMIS e MC TAGGART, 1988, apud Elia e Sampaio, 2001, p.248).

A pesquisa-ação é uma metodologia muito utilizada em projetos de pesquisa educacional. O método tem como objetivo levar o professor a compreender melhor sua realidade com a busca contínua por informações, porém exige dele a curiosidade e o envolvimento com sua prática docente. O aspecto inovador da pesquisa-ação se deve

principalmente a três pontos: caráter participativo, impulso democrático e contribuição à mudança social.

Na realidade do trabalho com metodologias ativas, os problemas são estímulos, motivações para compreensão e para o desvendamento do que não se pode ver com os olhos, mas sentir com as experiências. Neste sentido, em contexto de pandemia, o uso de ambientes e ferramentas digitais oportunizou ao considerável grupos de professores o enfrentamento desafiador de encontrar em ambientes virtuais a possibilidade de contato, interatividade com o seu aluno. Durante o isolamento social, ocasionado em função da pandemia, a tecnologia contribui neste sentido, portanto não pode ser considerada como barreira. As barreiras encontradas pelo professor envolvem questões que vão desde a precariedade de acesso aos recursos e de seu reconhecimento, e isto não se relaciona à tecnologia, e sim a questões referentes a políticas públicas ou formação docente, sendo a primeira muitas vezes – quando ausente – o motivo de impedimento para que a segunda ocorra. Tocamos em um ponto comum que seria a valorização do professor e de suas condições de produção.

Um professor com um salário à altura de sua importância se permite dedicar-se exclusivamente a uma escola, conhecendo todos os alunos pelo nome, dedica-se com maior compromisso, obtém melhores resultados, tem a possibilidade de contato com alunos em tempo integral, atendimento personalizado. Este mesmo professor teria condições de estar ligado à academia científica em estudos de mestrado, doutorado, pós-doutorado, publicação de estudos e pesquisas que possam colaborar com outras práticas docentes, experiências outrora interessantes que podem ser manifestadas na sua própria. Da mesma forma, seria-lhe permitido frequentar congressos, seminários, contribuindo com suas pesquisas e compreendendo novas tendências que o faça ter a segurança de que seu trabalho jamais seria substituído por uma tecnologia.

Isso poderia desenhar outro contexto diferente do “ser pego de surpresa”, pela condição compulsória do ensino remoto. O professor envolvido com formação continuada possivelmente não seria surpreendido com a modalidade do ensino remoto e seus desdobramentos de trabalho. Porém, lamentavelmente, sabemos que as condições de produção do professor, em especial do ensino fundamental e médio, são precárias, não há disponibilidade de tempo para dedicar aos seus estudos, já que para manter uma dignidade de renda, é necessário trabalhar em várias escolas. Em suma, as dificuldades se situam em uma via de mão dupla: se o professor tem que trabalhar em mais de uma instituição para ter



recursos para formação, faltará tempo para dedicar-se à formação continuada; se reduz a sua carga horária em apenas uma instituição de ensino, sobra tempo para dedicar aos estudos e falta renda para investir em formação, como aquisição de livros e periódicos, participação em seminários e congressos, investimentos em cursos de extensão e pesquisa em cursos de *lato e stricto sensu*. Portanto, pensar que uma máquina o substitui, é um pensamento frágil de um perfil de professor que nem sempre teve a oportunidade de prosseguir com suas pesquisas ou estudos por fatores diversos, entre eles a necessidade de trabalhar em várias escolas ou exercer vários ofícios como complementação de renda. O acúmulo de cargos para uma renda digna é que é o inimigo do professor, e não a tecnologia que nada mais é do que uma ferramenta de suporte dinâmica que exige o perfil de professor sustentado pela curiosidade, interessado e disponível para aprender sempre e buscar por inovações. Sobretudo, em contexto brasileiro, em que a valorização do professor é tímida, há de compreender a posição do docente que muitas vezes sem opção resta ter que decidir pelo trabalho e nem sempre à pesquisa.

Por sua vez, o reconhecimento salarial - resultado da valorização docente - permite ao professor o investimento em cursos que podem oferecer um suporte – agora tecnológico – para compreender a utilidade e funcionalidade dos novos recursos tecnológicos que nunca cessarão de surgir, oferecendo a ele melhor manipulação da tecnologia. Desse contexto, nasce um professor estimulado, orgulhoso de seu ofício e com disponibilidade de tempo e com recursos para o desenvolvimento digno e fiel ao seu trabalho.

O atual cenário de isolamento social, em muito interferiu na Educação. Sobretudo, o choque de nós, professores<sup>18</sup>, atuarmos em um ambiente em que não houve tempo para treinamento, não houve tempo de aprendizado, tudo ocorreu ao mesmo tempo: conhecer e fazer. Era preciso chegar até ao aluno, e o que tínhamos como única alternativa foi a oportunidade de se apropriar da tecnologia para prosseguirmos com as aulas. Este novo contexto nos fez entender – talvez não de forma tão agradável - que a tecnologia pode ser uma aliada, um recurso que mais corrobora com o trabalho docente do que toma seu lugar, e pode ser melhorada com a visão do professor atento à forma como se ensina e como se aprende.

---

<sup>18</sup> Acredito que não seja a realidade de todos os professores, mas considero que o uso compulsório de tecnologia para atendimento ao aluno e prosseguimentos dos trabalhos escolar tenha sido algo inesperado por considerável parte do corpo docente. O uso de plataformas de ensino à distância é uma realidade que parece ser comum em instituições de ensino superior, entretanto para muitos contextos da Educação Básica foi algo inesperado por isso em situação emergencial a busca ativa por ferramentas de ensino e aprendizagem e uso de dispositivos digitais como trabalho educacional foram intensas.

Sobretudo, muitos critérios são estabelecidos para a mudança desse novo contexto, mas não se pode furtar ao fato de que o professor não perde o espaço para a tecnologia, tendo em vista que a intermediação do professor é insubstituível. Com tecnologias, o que muda é o perfil de professor que passa a ser o orientador que mais estimula o aluno do que aquele que leva a informação. O professor não tem mais o controle exclusivo do plano de curso, e o aluno interconectado está envolvido por uma rede hipertextual que lhe permite seguir por caminhos não planejados. Manter o controle da aprendizagem é uma vaidade inútil e retrógrada que não permite aos alunos avançar. É o resultado de uma resistência revelada pela ausência da formação contínua do professor que tem dificuldades em aprender ou adaptar-se a novos contextos.

Acredita-se que é por meio da educação que a sociedade poderá vencer as desigualdades sociais, preconceitos e injustiças. Desta forma, o papel do professor diante das novas tecnologias ganha mais força, uma vez que ele é o mediador e desse processo e não mais detentor do conhecimento. Sabendo utilizar as ferramentas tecnológicas, transformando a sua postura, quebrando os paradigmas estabelecidos *a priori* com qualificação profissional e compromisso, o papel passa a ser de colaborador, influenciador e orientador do processo de ensinar e aprender.

Há o consenso de que ainda precisamos de muitos avanços, mas o fato de buscar informações e refletir sobre as inquietações que surgem em sala de aula já é um importante passo para Educação. As possibilidades para o ambiente de ensino são infinitas com a presença da tecnologia, porém os resultados efetivos só são notados quando elas são utilizadas de forma adequada. Por isso é preciso formação e autoconhecimento da realidade da prática docente, e disposição e interesse político para que isso efetivamente ocorra.

Discussões peculiares ao modo de ensinar e aprender trazem conceitos subentendidos sobre o que entendemos sobre tecnologia hoje, dentre elas os propósitos da exclusividade da aula expositiva, bem como a concepção negativa do celular que em muitas circunstâncias são proibidos em sala de aula, pois acredita-se que seja nocivo para a aula expositiva. Sobre estes dois aspectos, não seria o vilão o professor que, talvez por vaidade, deseja o controle da aula? E quanto ao aluno? A falta de foco ou indisciplina em contexto de sala de aula? Estas questões nos levam a entender que os problemas são outros, não a tecnologia. É um bom momento de repensar o uso do celular como um dispositivo em sala de aula – ele existe, é um fato – que direcionado para o bom desempenho da aprendizagem, pode ser um aliado. Pelo

celular é possível chegar a plataformas de ensino e aprendizagem por meio de aplicativos que, além de atrativos, conduzem o aluno a uma experiência de sentidos.

Não diferente, o uso de tecnologias em sala de aula – por sua vez – são criteriosas e exigentes. Exige não só um novo perfil de professor, como também um novo perfil de aluno, que deve ser curioso, atento, imediatista, ter espírito criativo, ter a necessidade de testar possibilidades, ter interesse em se arriscar. Novos tempos exigem novas formas de pensar, este é o movimento.

#### **4 Considerações finais**

A escola de hoje deve ajudar o aluno no desenvolvimento de diferentes capacidades para o exercício da cidadania. Embora não seja muito recente este propósito que por si só é um desafio, compreender o funcionamento do uso de tecnologias digitais é ainda mais desafiador. O contexto da pandemia levou partes da sociedade ao isolamento compulsório, como alternativa para sua própria sobrevivência. Embora seja unânime – em especial da escola - uma resposta carregada de frustrações e angústias tanto no ato de ensinar quanto no de aprender, manter-se em isolamento social foi um privilégio por aqueles que o puderam fazer. No presente momento de escrita deste, o Brasil registra de forma quantitativa próxima a 300.000 mortes, sendo nas últimas 24 horas 2.331 mortes pela Covid-19<sup>19</sup>. Sobretudo, os dados revelam um sistema de saúde em colapso, reforçando que hoje a melhor remédio é a prevenção, ou seja, o isolamento social.

Dentro deste contexto, embora não seja o ambiente que muitos professores desejariam desenvolver sua prática ou os estudantes desenvolverem a sua aprendizagem, a internet e a vastidão de recursos em aplicativos e ferramentas digitais foi a oportunidade que escola e comunidade encontraram para manter-se em contato e desenvolverem seus trabalhos. A frustração e angústia do corpo docente e discente – considerando ou não o ensino remoto – parte da concepção de que a escola não se reduz a livros. Trata-se de um ambiente absolutamente rico e heterogêneo carregado de experiências que envolvem vínculos sociais, afetivos, emocionais dos quais os sujeitos nela envolvidos buscam além do conhecimento as relações por lá existentes. Os vínculos estabelecidos em um ambiente escolar marcam as vidas das pessoas que carregam em suas memórias as histórias, sensações, impressões e sentimentos

---

<sup>19</sup> Dados encontrados no site do G1 no dia 20/03/2021. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/20/brasil-registra-23-mil-mortes-e-72-mil-novos-casos-de-covid-nas-ultimas-24-horas.ghtml>. Acesso em 21/03/2021.

únicos. Além disso, o contexto da pandemia traz situações desafiadoras, entre elas a experiência em lidar com a ausência dos sujeitos envolvidos no ambiente escolar que agora fora substituído por uma tela fria de um dispositivo eletrônico. Entre outros desafios, e que toca sensivelmente a formação docente, seria a compreensão de que plataformas de ensino e aprendizagem em toda a sua variedade, formato e objetivos estão disponíveis no mundo da web e podem ser melhor exploradas. A dificuldade está em relacionar os usos das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação com os propósitos do professor que mediará o processo. Dificuldade esta que não surgiu com o advento da pandemia, as discussões acerca do letramento digital não são recentes. O que se tem para hoje – em um contexto com mais de 2.000 mortes diárias no Brasil em decorrência do Covid<sup>20</sup> - é a necessidade de estabelecer práticas condizentes com as demandas e as exigências sociais de hoje, ou seja, a escola encontra-se impedida de receber os alunos e estes, de socializar em contextos escolares de ensino e aprendizagem. É necessário compreender quais recursos digitais e virtuais de ensino poderão de forma efetiva e crítica contribuir para o processo de ensinar e aprender, sendo estes recursos as Tecnologias de Informação e Comunicação (TDICs).

No contexto da pandemia, ano 2020, gestores, professores, funcionários, alunos e famílias precisaram ser ouvidos e chamados à participação. O aluno hoje mergulhado em um mar de possibilidades em uma sociedade com grande apelo ao consumo desenfreado em que tudo se torna descartável, mesmo nas relações entre as pessoas, vive sem muitos limites para o acesso à informação e contato virtual com outras pessoas. Com o celular e um tablet nas mãos, acessa a Internet, as redes sociais, conversa com amigos, combina compromissos, publica fotos e tem uma intensa presença *on-line*.

Diante desse novo contexto, o professor de hoje precisa lidar com as rápidas mudanças e as novas exigências de seus alunos, bem como da sociedade. No contexto pandêmico, iniciado de forma abrupta na terceira semana de março do ano de 2020, em meio ao prosseguimento das atividades escolares, o docente, que já estava incluído digitalmente, revelou ainda não saber muito bem como integrar as tecnologias em seu currículo e se percebeu angustiado com os recursos de interatividade disponíveis para o ensino remoto. Essa

---

<sup>20</sup> Dados disponíveis em <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2021/03/23/coronavirus-hoje-brasil-registra-media-de-casos-acima-de-75-mil-por-dia-pela-1a-vez-e-media-de-mortes-cresce-ha-um-mes.ghtml> Acesso em 25/03/2021.

situação já vinha sendo sinalizada com questionamentos e reflexões quanto ao que fazer com celulares e tablets que os alunos trazem para dentro da sala de aula. O professor entende que precisa investir em diferentes estratégias em suas aulas, porém não sabe ao certo o que e de que modo fazer. A realidade do contexto pandêmico trouxe à tona as dúvidas dos docentes, revelou falta de habilidade com recursos tecnológicos, expôs falhas e acertos didáticos e metodológicos à toda a comunidade. Considerando que o ensino remoto deixa à disposição de todos que desejarem assistir às aulas, ensinar em tempos de pandemia, no ensino remoto, é levar à público as escolhas sobre o ato de ensinar e estar sujeito a avaliações e julgamentos em decorrência da exposição do professor nas plataformas da *Web* cujo acesso é ilimitado.

Não diferente de contextos anteriores, dois quais o professor já tinha desafios, o docente em tempos de pandemia precisa ter visão estratégica, criar e manter no ensino remoto um ambiente em que haja participação efetiva e desenvolvimento de seus alunos, de forma interativa e dinâmica. O desafio proposto vem ao encontro de perceber e lidar com diferentes gerações cada uma com atitudes e valores específicos inclusive perante o uso das TIC na vida pessoal e pedagogicamente. Assim, o professor acaba tendo a necessidade de se organizar para atender diferentes demandas. Mas, ao mesmo tempo, tem dúvidas sobre como a tecnologia pode ajudá-lo como estratégia e/ou ferramenta para a comunicação com seus alunos e nos processos de ensino e aprendizagem.

O contexto de pandemia que compulsoriamente fez com que toda a comunidade escolar se isolasse em casa e continuasse os trabalhos de forma remota revelou de forma mais latente as dificuldades da escola com o uso de recursos tecnológicos para o ensino e a aprendizagem. Mais uma vez, reintero, embora o ensino remoto consolidado no país há mais de duas décadas, questões no contexto escolar ainda persistem como: usar ou não os celulares em salas de aula e para quê? Liberar ou não o uso das redes sociais na escola? Há blog na escola? Se sim, como mantê-lo atualizado e interessante? Questionar ainda o uso de tecnologia revela a fragilidade e a lentidão da escola em desenvolver práticas mais contemporâneas de trabalho que deem conta das necessidades sociais. Ainda em contexto pandêmico, nós, professores, nos perguntamos: como lidar com estes desafios que se renovam? Afinal, que tempos são esses?

## Referências bibliográficas

ALVAREZ, S. Depois das gerações Z e Y, chega a geração Alpha a ditar as regras do consumo do futuro. **Público**. 04 de maio de 2017. Disponível em [Depois das gerações Z e Y, chega a geração Alpha a ditar as regras do consumo do futuro | Opinião | PÚBLICO \(publico.pt\)](#). Acesso em 05/12/2020.

ARAÚJO, J. C. (org.) **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 2007. 281p.

BASÍLIO, A. L. **Paulo Freire em seu devido lugar**. Disponível em <https://educacaointegral.org.br/reportagens/paulo-freire-em-seu-devido-lugar>. Acesso em 24/10/2020.

BRAGA, D. B. Práticas letradas digitais: considerações sobre possibilidades de Ensino e de Reflexão social crítica. In: ARAÚJO, Júlio César (org.) **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 2007. p.181-195.

BUZATO, M. E. Letramento digital: um lugar para pensar em internet, educação e oportunidades. In: **CONGRESSO IBERO-AMERICANO EDUCAREDE**, 3, São Paulo, 2006. Anais... São Paulo: CENPEC, 2006. s/p.

ELIA, M. F., SAMPAIO, F. F. In: **Plataforma Interativa para Internet: Uma proposta de Pesquisa Ação a Distância para professores**. Anais do XII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, 2001.

G1 - Brasil registra 2.331 mortes e 72 mil novos casos de Covid nas últimas 24 horas. **G1.com.br, 2021** Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/20/brasil-registra-23-mil-mortes-e-72-mil-novos-casos-de-covid-nas-ultimas-24-horas.ghtml>. Acesso em 21/03/2021.

IPEA 2019 - Internet no Brasil reproduz desigualdades do mundo real: Acesso aos conteúdos digitais é maior entre homens de renda e escolaridade mais altas, aponta estudo do IpeA. **IPEA Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada**. Disponível em [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34796](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34796). Acesso em 16/10/2020.

LORRAN, T. Educação: Ipea – 96,6% dos alunos sem acesso à Internet no Brasil são da rede pública. **Jornal Metrópoles**. Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/educacao-br/ipea-966-dos-alunos-sem-acesso-a-internet-no-brasil-sao-da-rede-publica>. Acesso em 08/02/2020.

LUZ, S. Seis milhões de estudantes não têm acesso à internet em casa - Pesquisa do Ipea mostra que inclusão digital é menor no meio rural. **Agência Brasil**. 02/09/2020. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/educacao/audio/2020-09/seis-milhoes-de-estudantes-nao-tem-acesso-internet-em-casa>. Acesso em 06/01/2021.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. 195p.

ROJO, R. H.; MOURA, E. (Orgs.) **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019. 223p.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol 23, n. 81, p. 143- 160, dez. 2002. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 06/05/2020.

STRAUS, W; HOWE, N. **The Cycle of Generations**. American Demographics, Vol. 13, No. 4, 1991.

TIC EDUCAÇÃO 2019 – Apresentação dos principais resultados para a imprensa. **Cetic.br** 2019. Disponível em <https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/analises>. Acesso em: 06/03/2021.

VALENTE, J. A. Blended Learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em revista**, Curitiba, n.4. 2014, p79 a 97. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/er/nspe4/0101-4358-er-esp-04-00079>. Acesso em 04/03/2021.

**VALOR INVESTE: BRASIL E POLÍTICA** - Coronavírus hoje: Brasil registra média de casos acima de 75 mil por dia pela 1ª vez e média de mortes cresce há um mês. Disponível em <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2021/03/23/coronavirus-hoje-brasil-registra-media-de-casos-acima-de-75-mil-por-dia-pela-1a-vez-e-media-de-mortes-cresce-ha-um-mes.ghtml>. Acesso em: 25/03/2021.

XAVIER, A. C. **A era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009. 227p.

Artigo recebido em: 25.03.2021    Artigo aprovado em: 20.05.2021    Artigo publicado em: 30.06.2021